Ano 29.º — Sábado, 27 de Junho de 1936 — N.º 1429

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Serviços de Justiça

—o—

Ao que parece vai ser publicada dentro em pouco a reforma dos serviços prisionais. É um complemento necessário da extensa e profunda obra reformadora do dr. Manuel Rodrigues e que há muito vinha reclamando solução.

De facto, o problema era daquêles que mais afectavam a nossa dignidade e missão civilizadora. Para os presos condenados a pena maior o sistema seguido em Portugal não diverge do dos outros países civilizados. O condenado a regime de prisão maior celular prossegue no exercício da sua profissão e é isolado de contágios perigosos. Se não tinha profissão definida entra no aprendizado e quando sai para a vida livre vai habilitado a exercer uma função útil para si e para a colectividade.

Outro tanto não se póde dizer dos indivíduos presos por pequenos delitos que, sendo às vezes levados à prisão por acidentes fortuitos, se contagiam com o contacto dos criminosos incorrigíveis e ficam perdidos para si e para a sociedade de que fazem parte. É isto que se pretende agora corrigir.

Sabe-se o que se fazia até há pouco. Os indivíduos condenados a penas correcionais cumpriam essas penas nas cadeias comarcãs sem nenhum regime de trabalho, sem disciplina mesmo, de modo que, dentro mesmo das prisões, êles porfiavam na prática do crime. Ou então quando a reincidência os demonstrava como não exercendo profissão útil e vivendo sistemàticamente da prática do crime, mandavam-nos para a África, onde nenhum estímulo de correcção recebiam e, pelo contrário, contagiavam quantos eram forçados a suportar-lhes a convivência. E — coisa estranha! — eram as colónias que suportavam êste sacrifício de alimentar tais hóspedes indesejáveis! Já não era justo que as colónias pagassem o sustento dos delinqüentes da metrópole, mas o grande inconveniente de tal processo de mandar para a África os criminosos de delitos graves e os incorrigíveis estava em que êles prejudicavam, e profundamente, toda a nossa acção colonizadora e civilizadora.

O Estado Novo pôz termo a situação tão vexatória. Limpou as colónias dos vadios e dos condenados metropolitanos e libertou-as dos encargos da sua sustentação. E isto não foi a maior reforma efectivada pelo dr. Manuel Rodrigues. A sua atenção e cuidados dirigiram-se de preferência para os menores dos dois sexos em perigo moral ou já delinqüentes comprovados. Sob êste aspecto a obra realizada desde 1926 é colossal e quási toda ela da iniciativa e execução do dr. Manuel Rodrigues a quem a Nação tem de reconhecer assinalados serviços. A obra dos Reformatórios e Tutorias da Infância é admirável. Quási decuplicou o número das crianças protegidas e assistidas. Têm-se salvado da ignomínia e do crime muitos milhares de sêres humanos.

Por outro lado, não foi descurada a instalação dos presos. A ampliação e beneficiamento das cadeias comarcãs vem prosseguindo de há muito, mercê do plano traçado pelo dr. Manuel Rodrigues. Todavia, era preciso mais alguma coisa — a reforma dos serviços prisionais cuja publicação se anuncia para breve.

E, assim, o Estado Novo, étapa por étapa, vai refundindo inteiramente a vida da Nação.

T. G.

Abalo sísmico

Na tarde de sexta-feira da semana passada, dia 19, foi registado nos observatórios de Lisboa, Pôrto e Coimbra um abalo subterrâneo, sem conseqüências, dando também conta dêle os jornais diários por intermédio dos correspondentes de algumas localidades.

Aqui, porém, nada se sentiu. Abençoada terra!

Efemérides

27 de Junho

1844—Fusilamento do poeta cubano Placido.

1876—A morte do dr. Aires Maia, em Lisboa, dá origem a que se realise o primeiro enterro civil na capital.

1881—Morre em Mangualde o jornalista Alberto Osorio de Vasconcelos, um dos fundadores, em 1872, da *Democracia*.

1892—E' julgado no Pôrto por abuso de liberdade de Imprensa e condenado a três mêses de prisão e 250$00 de multa o jornalista republicano Heliodoro Salgado.

1896—Por ordem do Governo é suprimido *O Portugal*, orgão dos estudantes de Coimbra.

Imposto da Barra

—o—

Um jornal de Águeda informa os seus leitores de que já não se realiza durante o mês de Julho a cobrança do impôsto da Barra, que actualmente é representado pela percentagem de 9 sôbre a contribuição predial e de 7 sôbre a contribuição industrial, liquidadas.

Tal qual como fôra indicado pelo *Democrata*.

Por ser mais equitativo.

Delegado de Saúde

—o—

Por ter atingido o limite de idade, deixou de estar à frente da Delegacia de Saúde o sr. dr. Armando da Cunha Azevedo a quem veio substituir o sr. dr. Tomaz de Aquino Tavares de Sousa, médico municipal de Cacia.

Recordando o passado

Os dias de hoje e de àmanhã são os destinados pelos estudantes que, há 35 anos, se diplomaram em Farmácia pela Universidade de Coimbra, para uma festa de confraternização na cidade do Mondego, onde vão reunir e, em conjunto, lembrar o tempo que lá passaram—uns, curtindo cólicas; outros, como nós, divertindo-se e não tomando o estudo a sério a não ser depois de esgotada a paciência paterna por causa das mesadas se sucederem sem proveito...

Aveiro dá, para esta reünião, dois condiscípulos: nós, isto é, o director dêste jornal, e o sr. Francisco Marques da Naia, que no Exército tem a patente de coronel gloriosamente conquistada nas campanhas de Africa...

Vão ser, pois, dois dias de satisfação para quantos se puderem juntar nêste fim de junho, como já aconteceu nos anos de 1925 e 1930, em alegre e fraternal convívio.

O Parque da Cidade

—o—

Fez ontem nove anos que se inaugurou êste aprazível recinto com uma esplêndida batalha de flôres, que ali atraíu imensa gente. Por essa ocasião dissémos nós:

«Vai inaugurar-se o Parque!

Nêste momento em que tôdas as atenções é justo que se voltem para o dr. Lourenço Peixinho, nós queremos significar-lhe mais uma vez quão grande se torna a nossa admiração pelas suas extraordinárias faculdades de trabalho, que tem pôsto ao serviço da causa pública, engrandecendo Aveiro, alargando Aveiro, dignificando Aveiro, numa palavra—alindando Aveiro!

A deixar falar os zoilos...—rematávamos.

São passados nove anos!

Ainda se encontra no mesmo logar que então ocupava na Câmara Municipal o dr. Lourenço Peixinho e o Parque só lucrou com isso porque está cada vez mais atraente, impondo-se pela sua formosura.

Exultêmos!

Quem vale, vale, e hade valer sempre.

Máximo Gorki

Deixou de existir o conhecido escritor russo, cuja vida aventurosa o fez passar por muitas vicissitudes.

Foi desenhador, sapateiro, cosinheiro de bordo, vendedor de estatuetas, guarda da linha ferrea, padeiro, e, a pé, como um miserável, percorreu enormes distâncias na ânsia de colher elementos que satisfizessem o seu espírito irrequieto.

Deixa uma vasta obra literária, reflexo de muitas angústias e na qual transparecem, igualmente, as suas ideias revolucionárias.

Era um realista. Lutou e sofreu. Mas na morte encontrou as homenagens a que tinha direito, salvando intensamente a artilharia durante a cremação do seu cadáver.

Também?

O sr. dr. Alfredo de Magalhães, essa veneranda e prestigiosa figura de republicano, que até há pouco exerceu o cargo de presidente da Comissão Administrativa do Município do Porto, servindo com a maior dedicação o Estado Novo, insurgiu-se, numa conferência que fez para dar contas dos seus actos e explicar algumas das suas atitudes durante o mandato que lhe fôra confiado, contra a maldade, o cinismo e a ingratidão de determinadas pessoas que o levaram à convicção de que a sociedade contemporânea é, por vezes, dominada, ainda que transitòriamente, pelos péssimos sentimentos morais de indivíduos que apenas nasceram e vivem para intrigar e inutilizar as melhores iniciativas.

Então o sr. dr. Alfredo de Magalhães ainda agora deu por isso? Ainda agora reconheceu que quem mais faz menos merece?

Que ingenuidade!

Por cá sucede a mesma coisa. O ilustre aveirense que se chama Lourenço Peixinho é um benemérito da cidade. Mas dos autênticos. Na mais ampla acepção da palavra. Pois de vez enquando também aparecem uns certos *vigilantes de capoeiras*, arvorados em críticos da sua vasta obra e com tais ideias, que, francamente, até metem... dó! Pelo que, sr. dr. Alfredo de Magalhães, a caravana passa, visto nem tôdas as vozes chegarem ao céu...

Quanto mais os latidos da maldade, do despeito, da ingratidão?

E' de lamentar? Sem dúvida. Mas se nunca deixou de haver perversos entre o género humano...

"O Democrata„ no Tribunal

Têve ontem lugar a última audiência em que compareceu, para julgamento, o nosso director, que, como se sabe, foi acusado pelo *grande panfletário e eminente jornalista* Francisco Manuel Homem Cristo de o ter ofendido em *sueltos* aqui publicados.

Depuzeram as testemunhas de defêsa, srs. dr. Lourenço Peixinho, presidente do município aveirense, e Deniz Gomes, presidente da Câmara de Ilhavo e uma das figuras de maior prestígio naquêle concelho.

Francisco Manuel Homem Cristo tem o seu nome ligado a esta declaração formal, que lhe há-de servir de eterno pelourinho:

«Jàmais eu chamei aos tribunais fôsse quem fôsse, ou chamarei, por abuso de liberdade de imprensa. Nem há exemplo de um pulha de pena, quanto mais um jornalista, chamar aos tribunais um adversário com quem jogou doestos, e para lhe pedir a responsabilidade dêsses doestos, na imprensa. Mesmo que êsse pulha usasse o nome de Palma Cavalão ou idêntico.»

. . . .

«De mim pódem dizer o que quizerem. A' vontade.»

Mas não é só isto. Doutra vez foi mais longe e pronunciou-se assim, quando se viu trilhado:

«O Lúcio que não queria vir à imprensa porque — êle o confessou — se julgava em condições de inferioridade perante mim, sempre veio. **Mas empunhando a gazúa da lei de imprensa da ditadura.** Isto é: êle póde escrever contra mim da maneira que quizer, e dizer o que quizer, certo de que o não chamarei aos tribunais. Mas se eu fizer o mesmo, **êle emprega logo a gazúa.**

Está definido. Eu podia-lhe aqui dizer o nome que tem um homem que assim procede. Não era uma injúria. A língua portuguêsa tem, para certas acções, nomes insubstituíveis».

A lei de que o *grande panfletário* e *eminente jornalista* se serviu contra nós é a mesma.

Que nome terá um homem que assim procede?

Êle o sabe...

Dr. Daniel Freire Côrte-Real

Pelo correio recebemos ontem a dolorosa noticia de haver falecido no dia 27 de Maio em Shanghaï (China) onde residia há muito tempo com sua família, o nosso presado amigo, sr. dr. Daniel Maria Freire Corte-Real, que, como noticiámos na nossa edição de 24 do referido mez, havia recolhido a um hospital daquela cidade com a saude bastante abalada.

O dr. Daniel Corte-Real era um dos membros de maior prestigio e respeitabilidade da colonia portuguêsa no Oriente. Desempenhou as funções do delegado do Ministério Publico em muitas causas crimes importantes, durante os ultimos 20 anos, como representante do Govêrno português, e esteve ao serviço do Hong-Kong & Shanghaï Bank, importante casa de credito onde se distinguiu pelo seu zelo, competencia e extraordinarias faculdades de trabalho.

Homem culto, dizem dos seus meritos as condecorações cientificas e literarias que possuia e o'gulhosamente ostentava, bem como as relações que adquirira no meio social onde se tornou querido.

O funeral do nosso distinto e malogrado amigo, que morreu com 62 anos, efectuou-se no mesmo dia de tarde para o cemitério de Babblin Well, encorporando-se nele, além do consul geral português, sr. dr. Antonio J. Alves, outras pessoas importantes do fôro e crescido numero de individualidades categorisadas da terra, que deposeram sobre o feretro corôas e *bouquets* com sentidas dedicatórias, prestando dessa forma homenagem ao ilustre morto.

DR. DANIEL CÔRTE-REAL

O Democrata perde com o desaparecimento do dr. Daniel Corte-Real da cêna da vida, um dos seus melhores amigos, pois disso nos deu prova bastantes vezes, deixando-nos, como recordação, uma pena de ouro.

Inclinâmo-nos perante o seu cadaver. E na impossibilidade de neste momento traduzirmos em palavras a magua que sentimos por terem terminado as nossas comunicações com essa bela alma que recolheu á mansão dos justos, aqui deixâmos á sr.ª D. Maria de Sousa Freire Côrte-Real, ontem dedicada esposa e hoje inconsolavel viuva do saudoso extinto, e a seus filhos, a intima expressão do nosso pezar.

Rectificação

Por lapso incluimos na notícia do julgamento dos acusados de fazerem propaganda de ideias subversivas, o nome do sr. Jaime Dias Ferreira como estando, com os outros, preso no Aljube, quando é certo que foi julgado à revelia em virtude de se ter homisiado apenas viu que a polícia havia descoberto os manifestos que de Aveiro seguiram para Lisboa em grande velocidade.

Consta-nos que todos os condenados entraram já com as respectivas multas, à excepção daquêle a quem nos estamos referindo.

Um fidalgo revolucionário do 31 de Janeiro de 1891

Nos tribunais de guerra de Leixões, que julgaram os revolucionários do 31 de Janeiro de 1891 compareceu, na audiência de 8 de Março daquêle ano, um réu que respondeu dêste modo ao Juiz auditor:

«Com sentimento meu não tomei parte activa nos acontecimentos e a razão é obvia: é que sou considerado dentro do partido republicano como um indisciplinado e por isso nem nunca me consultam, quando há a resolver qualquer ponto importante, nem nunca me chamam. Conhecendo o estado desgraçado em que se encontra o nosso país, e que isto só se poderá levantar por uma transformação política completa, eu apoiaria qualquer causa que tendesse à sua transformação».

A voz que se erguia, tão enérgica e vibrantemente, não era de um jóvem, mas de um homem que ia fazer cinqüenta e dois anos. Tampouco se tratava de um filho do povo movido por qualquer ódio de raça à nobreza; os apelidos aristocráticos defendiam a sua sincera convicção revolucionária melhor que tôdas as frases que pudesse pronunciar.

Joaquim Felizardo de Lima Camêlo Pereira da Silva de Sousa Castelo Branco Vilhena Bourbon, adotara singelamente o nome de Felizardo de Lima com o qual animava as suas produções republicanas. Nascera em Lisboa de pais fidalgos, cursara o liceu e o primeiro ano da Politécnica como soldado cadête e sendo furriel de caçadores 2 pedira a baixa, deixando os estudos pelo professorado livre, decidido a dar o resto do seu tempo à revolução.

Entre os apelidos de sua mãe figuravam os de Manuel de Vilhena que evocavam guerreiros e apóstolos. Êle era mais um, não sob as vestes dos cavaleiros de Malta ou os hábitos dos missionários, mas como humilde que da turba tivesse brotado ou qual príncipe renunciado às vaidades heraldicas para criar uma personalidade. Apagava-se entre a nobreza para ressuscitar no seio do povo.

Mergulhara no movimento associativo com Fradesso da Silveira e quando ainda mal se balbuciava a palavra Republica já êle a evocava nos centros que os estudiosos dos problemas sociais, fundavam, agremiando os trabalhadores.

Tornara-se um socialista romântico, como tantos outros, sonhando com a fraternidade universal, a extinção do pauperismo, o banquete fraterno, a ideologia dos homens—anjos, adorando a Lamartine e vendo na bandeira nova a paz do mundo.

Não faziam mal êstes acasteladores de visões românticas e felizes. Se havia sacrificados êles eram os primeiros por se entregavam, de corpo e alma, à sua fé, repelindo ofrendas de empregos, fugindo às carreiras de futuro assegurado, votando-se aos seus ideais como os crentes a Deus.

Indisciplinados, por natureza, viam os outros seguir na rota, alcandorarem-se, tendo ao menos o pão enquanto êles, obreiros de uma idea incompreendida em tôda a sua grandeza, se tornavam os evangelizadores desejosos de esmagar alguns milhões de egoísmos.

Os bens herdados de sua família, poucos ou muitos, empregou-os como

Meteorologia e Sismologia

Previsões de 28 a 4 de Julho

METEOROLOGIA

Oscilação barométrica geral—Começa este periodo por uma subida barométrica, iniciando-se em 2 a descida, que se prolonga até final.

Datas de novos ciclones—Nos dias, 28 e em 1.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo, durante este periodo, se apresente, por vezes, com tendência para chover e ventoso, principalmente a partir de 1.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em Espanha, França, Italia, Inglaterra, Alemanha, Jugo-Eslavia, Hungria, Bulgaria e Bengala.

Oscilação provável de temperatura na peninsula—Pequena oscilação.

SISMOLOGIA

Data de maior sensibilidade: de 27 para 28 e de 30 para 1.

Setúbal, 24 de Junho de 1936

A. CARVALHO SERRA

IMPRENSA

«O FIGUEIRENSE»

Este bi-semanário da Figueira da Foz, que é superiormente dirigido por Gomes de Almeida completou 17 anos de existencia. E o *Democrata* congratula-se com esse facto. E' que, comûngando nas mesmas ideias e defendendo os mesmos principios, não lhe póde ser indiferente o aniversário dum colega que, como o *Figueirense*, marca logar de destaque na imprensa da provincia.

Receba, pois, os nossos afectuosos cumprimentos além de um abraço para o seu director.

"Ao cantar do Galo„ gemem os prelos

e o público inteira-se do que é a famosa revista

Representou-se pela 3.ª vez na segunda-feira a revista que o *Grupo Cénico do Club dos Galitos* poz em cêna, voltando a encher-se a casa por completo e a repetir-se, talvez com mais intensidade, os aplausos.

Eis o que alguns jornais dela dizem:

Da *Gazeta de Coimbra*, o jornal mais antigo que se publica na velha cidade universitária, recortâmos:

Um grupo numeroso de pessoas de Coimbra, a convite dum bom amigo, foi de longada até á linda cidade de Aveiro afim de asssistir á apresentação do *Grupo Cenico do Club dos Galitos* que nessa noite levava á cena a revista regional *Ao cantar do Galo*.

Aquele nosso amigo, aveirense de pura gema, mas que reside em Coimbra ha muitos anos, não deixando de querer tanto á nossa terra como á sua, tinha-nos dado, a traços largos, uma ideia do que era a peça a que iamos assistir.

Partimos convencidos de que iriamos presencear mais uma das muitas récitas de amadores, embora de ante-mão soubessemos que os amadores dramáticos da linda «Veneza Portuguesa» teem marcado com brilho o seu lugar, pois ali assistimos ás primeiras de *A Caldeirada*, de *A Mascote*, em companhia do saudoso Dr. José Rodrigues, de *A Nossa Escola* e agora á de *Ao Cantar do Galo*.

A esta revista de costumes locais dá um grande brilho o grupo interessante de raparigas que nela tomam parte. Cheias de vivacidade e de alegria, sorridentes sempre sem se ridicularizarem, m rcam com aprumo e distinção todos os numeros que o seu ensaiador lhes ensinou.

Boa musica, musica ligeira, de revista, cantada pelos lábios lindos das mais lindas tricanas de Aveiro, faz vibrar de entusiasmo o mais sizudo dos espectadores, transmitindo-lhe um pouco da sua esfusiante alegria.

O guarda-roupa é lindíssimo e os cenários excelentes.

As marcações originais e de um raro efeito cénico movimentam as cenas por uma forma desuzada, realçando dentre todas a do quadro *Montes de Sal*.

Todos os amadores se houveram por forma a não desmanchar o conjunto. Não podemos, porém, deixar sem referencia especial Lourdes Teles, Maria Lima, Maria Amaral e Carolina Lemos, a gentil vendedeira de Malmequeres.

Sebastião Amaral, Antonio Flamengo, Mario Teles, Firmino Costa e Nuno Meireles, desempenharam com brilho os papeis que lhes foram confiados.

Ao nosso amigo Alexandre Prazeres as nossas felicitações, não só pelos numeros que musicou, mas muito especialmente pelo trabalho exaustivo que representa a afinação dos córos, que são impecáveis, e pela maneira firme, desprentenciosa, mas elegante, com que dirigiu a orquestra.

Coimbra vai no dia 27 ter o prazer de ouvir o *Grupo Cénico do Club dos Galitos* e não se arrependerá de ir ao Teatro Avenida aplaudir o gentilíssimo grupo de raparigas da cidade amiga, que é Aveiro.

J. A.

A Aurora do Lima, de Viana do Castelo, também escreve:

A Aveiro foram daqui algumas pessoas assistir á primeira representação da revista *Ao cantar do Galo*. Vieram encantadas, não só pelas atenções com que as cumularam, como pelas respeitosas condescendências tributadas.

Da peça e dos seus intérpretes, dizem nos maravilhas.

Na vitrina da Casa Bernardo Dias estão algumas fotografias, pelas quais os leitores pódem avaliar da gentileza e garridice dos desempenhantes da peça—que Viana terá ocasião de ver no Teatro Sá de Miranda, aí para 12 do mês que vem.

E o *Diário de Coimbra*, diz:

Poucas vezes se verifica tão palpitante entusiasmo por uma representação de amadores, como aquêle que se vem manifestando pela próxima visita do *Grupo Cénico do Club dos Galitos* de Aveiro, que no próximo sábado 27, leva á cêna no Teatro Avenida, a movimentada e graciosa revista fantasia denominada *Ao cantar do Galo*.

Não tem esta notícia qualquer carácter de reclamo tanto mais que, segundo nos informam, a procura de bilhetes é de molde a garantir uma casa á cunha, mas apenas uma simples informação aos nossos leitores habituais de espectáculos dêste género, de que, irão assistir num ambiente de sorriso, em que são férteis as lindas môças aveirenses, a uma revista cheia de côr e alegria que, por vezes, nos dá uma nítida impressão de um espectáculo de profissionais.

Da *Independência de Agueda*:

Ovos moles são maravilha
de seduzir tôda a gente;
é manjar que sempre brilha (bis)
um delicado presente.

A *première* da grande revista *Ao cantar do galo* estava marcada para as nove e meia da noite, do dia 13, dêste junho ventoso, no Teatro Aveirense.

Casa cheia, à cunha.

Luz. Flores. Ansiedade. E às nove e três quartos, precisamente, para não quebrar velho hábito português (quinza minutos de tolerância) subiu o pano.

Ora, as tricanas de Aveiro têm, por mundos além, fama de lindas. E são lindas mesmo. Mas ali, nos diversos números da revista, raparigas tôdas novas, cambiantes de luzes, policromia de côres, bailados de olhos e ritmos de corpos—as suas silhuêtas no tablado deixaram de parecer vulgaridades mortais, por que mais se assemelhavam a anjos querubins em festa no azul translúcido do olimpo. E anjos deviam ser naquela noite de gala para a terra aveirense.

Todos os números da grande revista agradaram imensamente, muito aplaudidos. Mas devemos destacar, como melhores, os seguintes: «Mulheres de Cantarinhas».

– Malgas às duas, duas ou três,
por essas ruas haja fregueses.
Nós damos duas, duas ou três,
sem falcatrúas e duma vez.

«Marinhas de Aveiro», «Malmequeres» e «Vinho Espumôso».

Sôbre tudo os dois últimos números são emotivos, de espírito muito fino, porque a música e os bailados apoderam-se da nossa sensibilidade, que não regateia aplausos.

Revista de costumes regionais e critica leve, honra o distrito e serve de propaganda para a região.

Bom gôsto. Lindos cenários. Magnífico guarda-roupa.

Tendo corrido muito mundo e visto muito teatro, a nossa opinião é que, no género revista, *Ao cantar do galo* limadas pequenas arestas, muito naturais em primeiras representações, pode-se apresentar em tôdos os palcos e deante de tôdas as plateias.

E porque estamos a ser sinceros diga-se, por verdade, que as vozes são fracas, salvo Amaral e Meireles. E a nosso vêr a cêna das cólicas no noctivago não devia dar tanto na vista. Graça mais ligeira, bastariam as contorsões de barriga e o cochicho ao ouvido para causar hilariedade. Mais, não, que isso torna-se pesado para sensibilidades delicadas e finas plateias.

Muito bem, sem exagero de palhaço, José Vieira, no papel de *compère*. Mário Teles, Marques, Agnelo, José Maria, Firmino Costa, Carolina, Apresentação, Maria Amaral, tôdos, finalmente, explêndidos, nos seus papeis.

E termina a grande revista em uma apoteose de um barco de pesca, após vibrante declamação de Flamengo, o dinâmico ensaiador.

Por ali, também, em pinturas, andou dêdo do sr. José de Pinho. Parabéns aos autores e colaboradores. Parabéns à cidade.

Nesta revista mais parecem profissionais que amadores, tôdos os que tomam parte no seu desempênho.

É a nossa opinião.

Junho de 1936.

Laudelino de Miranda Melo

---

os desiludidos da vida mundana costumam proceder. Aquêles doam-nos ao seu crédo; o fidalgo fez o mesmo. Publicou a *República Federal*, e que, em 1869, proclamava a idea republicana com tanto entusiasmo que Emílio Castelar, o eloqüentíssimo tribuno espanhol, lêra um dos artigos do periódico nas tribunas das Constituintes. Felizardo de Lima aliára-se a João Bonança, outro idealista, que deixára as vestes eclesiásticas para propagandear entre as turbas a doutrina que animava a sua alma de poeta rebelde.

O netos dos Vilhenas dera-se mais á sua obra entre o proletário do que pròpriamente ao culto da política. Colaborava em todos os jornais que o solicitavam; tornára-se o campeão dos direitos dos humildes, e vivia das lições particulares, pois mal sabia conservar os empregos. Escriturário nas Devesas, fomentou uma grève de ferroviários; professor de instrução primária, na Moita, foi demetido por não abdicar das suas ideas. Casára. Dera ás filhas do seu amor nomes bem diferentes dos que tinham usado os seus avós. Julgamos que lhes chamou Liberdade e Independência como na época da revolução francêsa o duque de Orleans se denominou *Egalité*. Escrevia com grande facilidade, mas tornava-se impossível fazer o milagre de sustentar com a sua pena e numerosa família.

O apóstolo lançava mão de todos os mistéres que podia praticar a-fim-de, honràdamente, manter os seus. Trabalhou como auxiliar na construção de pianos, envernizador, tecelão, taquígrafo, fabricante de meias e de cartonagens e, ao mesmo tempo, escrevia os seus folhêtos, os seus artigos, a sua obra de propaganda.

Curtira-se na fé inquebrantável que o ungia e, sendo fraco e pobre, luzia-lhe no olhar a energia e a decisão como se fôsse herculeo e rico.

Em 1891 estava empregado no ramal da construção do caminho de ferro de Santa Comba a Viseu quando largou o lugar e correu para o Pôrto. Dflagrara-se o movimento patriótico originado pelo *ultimatum* e êle viu tremulozir a esperança do advento da sonhada República.

Jàmais durante os seus largos anos de propaganda houvera tanta agitação; vibrou naturalmente, como todos os idealistas que só acreditam a sério no que lhes enche o pensamento embora sejam elusões.

Pensam: ou agora ou nunca! E muitas vezes acabam sem que a menor claridade do seu sonho lhes ilumine as faces.

Mais uma vez Felizardo de Lima, jogára a tranquilidade de um emprêgo. Contava no seu activo de revolucionário algumas prisões por motivos políticos; irriquieto, audacioso, tendo-se doado à República como um sacerdote à sua religião, era menos prudente do que os outros, também sinceros, mas menos frenéticos, incapazes de dar os primeiros passos.

Não escapou ao cárcere ao falhar o movimento de 31 de Janeiro, é, com os seus cinqüente e um anos, a mesma fé, ardoroso, sentindo-se próximo do degrêdo ou da Penitenciária, não se coagia e declarava no tribunal.

—«Entendo que todo o cidadão honrado, todo o patriota, deve ser republicano para salvar a honra do país.»

Os juizes militares ouviram-no, a bôrdo do *Moçambique*, mal compreendendo o ardôr daquêle homem idoso que tanto se sacrificára. O ambiente da época, os sobresaltos nacionais, os receios pelo futuro do pais não garvam nas almas dos julgadores a piedade e a reflexão.

O auditor de justiça, doutor Couto Brandão, preguntou-lhe:

—Mas para que seguiu o movimento dêsde que no campo sentiu arrefecer o entusiasmo?

A resposta foi estóica, tocada de sabor romântico, antigo, mas sempre belo:

—Porque, interessando-me por todas as coisas do meu país, nem mesmo uma derrota me podia ser indiferente.

Declarou, de seguida, que não ali ciára pessoa alguma; vivia muito com Santos Cardoso, por causa da *Justiça Portuguêsa*, na qual colaborava; não sabia enjeitar responsabilidades; dizia a verdade sem perigo de ser desmentido.

Preferia tudo a faltar ao que a sua consciência lhe ditava.

E de fronte erguida, prosseguira nas suas declarações como um Paladino. Por vezes era contundente, ríspido, quási sarcástico; outras intemerato, altivo, defendendo-se, porém, do que não praticava.

O promotor de justiça, capitão Domingos José Correia, interregou-o:

—Sabe-me dizer quem eram as cabeças do movimento?

—Não sei—volveu o acusado. Al ves da Veiga e Santos Cardoso pode riam ter sido as sombras de cabeças!

O tribunal reservou-se ante esta resposta que deixava adivinhar mais altas figuras por detraz dos caudilhos ao mesmo tempo que se poderia tomar por ironia a réplica do rèu.

A sua ansiedade era tanta que na hora da proclamação da República, nos Paços do Concelho, bradára ante a oratória de Alves da Veiga, que julgá a prejudicial:

—Acabe lá com o discurso!

Depois, fôra a derrota, a prisão a bôrdo, sem recursos. A esposa tentaria vê-lo, levando pela mão as duas filhas —a Liberdade e a Independência— a outra no seio. Dizem-nos que se chamou República.

Qual foi a vida dêste apóstolo após o fracasso da revolução? A mesma que sempre levára e que o esgotaria. Condenado a dois anos de prisão, só ser amnistiado deu-se de novo ao ensino. Abriu uma escola na Rua da Fábrica, no Pôrto e um dos seus pequenos discípulos foi o nosso sempre saüdoso camarada, Afonso de Bragança.

E 29 de Junho de 1915, Joaquim Felizardo de Lima Caucela Pereira da Silva de Sousa Casteto Branco Vilhena Bourbon, finou se na humildade aos sessenta e seis anos. Resistira a cinqüenta anos de misérias. Alimentára-se de sonho.

Este artigo é da autoria do historiador Rocha Martins e vem a propósito do aniversário da morte de Felizardo de Lima, que depois de ámanhã passa.

O Democrata, recorda o apóstolo com viva saüdade.

Que diferença de proceder entre êste homem e aquêles que, na hora do perigo, de tantos estratagêmas lançam mão para se salvarem!...

"Festa da Primavera„

—o—

No Pavilhão do Parque realisou-se no domingo de tarde, como noticiámos, esta festa promovida por uma comisão de senhoras, que constou de um chá dansante, primorosamente servido e cuja receita reverteu a favor da A. N. T.

Decorreu num ambiente de alegria e de explendor, tendo assistido muitas familias da nossa terra e algumas vindas de fóra. Dansou-se animadamente até o declinar do dia.

Exposição Internacional de Meis

—o—

Tendo o Pôsto Central de Fomento Apicola—Tapada da Ajuda—Lisboa, aceite o convite que lhe foi dirigido pela American Honey Producers League, para organisar a representação na Exposição Internacional de Meis que se realiza em Santo António, Texas, a quando a reünião internacional de apicultôres e para a qual já estão inscritos 21 paises, solicita-se a todos os produtos de *meis centrifugados de primeira qualidade*, que desejem fazer-se representar em Texas, o obséquio de enviarem para a séde Pôsto, até 5 de Julho p. f., amostras dos seus meis, colhidos com todos os preceitos da técnica e da higiène.

Cada amostra deve ter *2,5 quilos*, indicar o local do apiário (lugar, freguesia, concêlho), a época de extracção, a flora melifera predominante e, sendo possivel, acompanhada de uma bela fotografia do apiário e de tôdas as demais informações complementares.

Como as amostras têm de estar na América no dia 1 de Agôsto, torna-se indispensável que a sua remessa se faça impreterivelmente até ao dia 5 de Julho.

Trabalho artistico

—o—

Na montra dum estabelecimento da Rua Coimbra tem estado exposta uma fotografia colorida, que muito honra o *atelier* do nosso amigo Henrique Ramos, donde saiu.

Representa a interessante tricaninha Antonia do Vale, vestida de leiteira, como entra na revista do grupo a que pertence.

Um primor.

Congresso Beirão

—o—

Fôram adiadas as suas sessões em Coimbra para os dias 8, 9, 10 e 11 de Julho.

Exposição escolar

—o—

Realisou-se no Liceu de José Estêvão nos dias 21 e 22, à semelhança dos anos transactos, a exposição dos trabalhos executados pelos alunos—condigno remate da obra de um ano lectivo.

Mais uma vez foi pôsto à prova o espírito de iniciativa dos alunos na arrumação dos trabalhos e na ornamentação das respectivas salas de aula. Destacavam-se as turmas 2.ª A, 5.ª A e 5.ª e 7.ª de Letras, que fôram premiadas.

Na sala da biblioteca e na presença de professores e alunos, o sr. reitor, dr. João Joaquim Pires, distribuiu os prémios que constavam dos volumes *As Pupilas do sr. Reitor*, *Nun' Álvares Pereira* e *D. Sebastião*, recebendo os alunos da 1.ª B uma menção honrosa.

A exposição estêve muito concorrida.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: haje, a simpática tricaninha Vitalina Maia, irmã do sr. Carlos Mendes, comerciante da nossa praça; ámanhã, a menina Maria Emilia M. Arroja, irmã do sr. José Martins Arroja e a inocente Maria Helena, filha do sr. dr. Carlos de Almeida Vidal, médico municipal da Costa do Valado; no dia 29, a sr.ª D. Isaura Farto Branquinho, esposa do sr. Amaro Branquinho e o nosso amigo Severiano Ferreira Neves, professor oficial em Esgueira; em 30, a sr.ª D. Alice Bessa de Brito, esposa do sr. tenente Alfredo de Brito, residente no Pôrto; no dia 1 de Julho, a sr.ª D. Maria Melo, professora na escola feminina da Glória e o nosso particular amigo sr. José Moreira Freire; em 2, as sr.as D. Maria Emilia Neto e D. Maria Amélia de Sousa, filhas, respectivamente, dos srs. Cipriano Neto, chefe da secretaria da Câmara Municipal e Amadeu de Sousa, e o aspirante de marinha Manuel Branco Lopes, filho do sr. Francisco Pereira Lopes, sócio-gerente dos Armazens de Aveiro, L.ª e em 3 o sr. Nuno Meireles.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa, a sr.ª D. Maria Carolina Eugénio Duarte Ferreira, e filhos, partiu, de novo, para a Índia, o nosso antigo assinante e amigo, sr. capitão Manuel Rodrigues Ferreira, que, antes de tomar o rápido, na quarta feira, teve a gentileza de nos deixar um cartão de despedida.

Desejâmos-lhe bôa viagem e a tôda a familia.

—Com sua esposa também parte no fim do mês para Paris, onde conta passar uma temporada, visitando, a seguir, outros paises da Europa, o nosso presado amigo e conterrâneo, dr. António Leitão, coronel-médico e distinto colonial.

Muitas felicidades.

—Tem andado em viagem comercial pelo estrangeiro, o sr. António da Maia, que residiu muitos anos nesta cidade.

Doentes

Recolheu, de nova, à cama em virtude de se ter agravado a sua doença, o sr. José Mortágua, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company desta cidade.

—Encontra-se a convalescer no concelho de Oliveira de Azemeis o filho do sr. capitão Quina Domingues, a quem desejâmos completo restabelecimento.

—Tem melhorado sensivelmente a sr.ª D. Eneida Souto, filha do talentoso advogado, dr. Alberto Souto.

Excursões

Entre as excursões que nos visitaram durante a semana destacou-se a de Vila Nova de Gaia que aqui chegou na manhã de domingo em combóio rápido especial e que, como noticiámos, era promovida pela *Tuna Musical União Oliveirense* e dedicada aos seus numerosos associados.

Veio dirigida à *Escola Musical José Estêvão* que com a sua banda e o seu estandarte a aguardou na estação, sendo, em seguida, organisado o cortejo que se dirigiu aos monumentos dos Mortos da Grande Guerra e de José Estêvão onde fôram depostos ramos de flores, tendo proferido algumas palavras o sr. António Pereira Dias, em nome dos visitantes. Depois fôram-lhe dadas as bôas-vindas na séde da *Escola Musical* e à tarde a *Tuna União* executou o anunciado concerto no Jardim, cujo programa agradou ao numeroso auditório, recebendo merecidos aplausos bem como o seu regente, sr. José Carvalho da Costa Santos, que foi muito cumprimentado.

Os excursionistas, em número superior a trezentos, visitaram o que Aveiro tem digno de se vêr sem excluir o Museu e o Parque, que muito elogiaram.

* * *

Desta cidade parte segunda-feira para o norte um grupo excursionista denominado *A Mocidade*, que visitará, além de outras povoações, Oliveira de Azemeis, S. João da Madeira, Espinho, Gaia, Pôrto, Póvoa de Varzim e Vila do Conde.

E' composto por operários de ambos os sexos e fará o trajecto em camionete.

Feliz viagem.

Sinistro marítimo

Perto da Terra Nova, onde se dirigiam, foi metido no fundo pelo lugre *Infante de Sagres*, da nossa praça, o lugre *Santa Lusia*, de Viana do Castelo, que com aquêle abalroou.

A tripulação salvou-se.

Lêr a 4.ª página

OLIVEIRA DO BAIRRO EM FESTA

Coube no domingo a vez a êste concelho de mostrar o seu regosijo por haver conseguido um novo edifício camarári·, cuja tnauguração foi f ita pelo sr. Governador Civil do distrito que, acompanhado de algumas individualidades de detaque na política do Estado Novo, ali presidiu à solenidade.

Dentre os discursos proferidos destacou-se o do sr. presidente da Câmara de Aveiro, dr. Lourenço Peixinho, que dêste modo se exprimiu:

Ex.^mo Snr. Governador Civil,
Ex.^mo Snr. Presidente da Câmara, minhas Sonhoras e meus Senhores:

Também eu quero associar-me ao regosijo do concelho de Oliveira do Bairro, que hoje celebra a inauguração dos seus Paços Municipais, velha e ardente aspiração dos habitantes dêste concelho.

Rendo as minhas homenagens à Ex.^ma Comissão Administrativa do Município, na pessôa do seu ilustre Presidente, snr. dr. Miguel de França Martins, bem como a tôdas as pessôas que deram uma parcela do seu esfôrço para êste importante melhoramento.

Consola a nossa alma de nacionalista, verificar a série infinita de empreendimentos, que por tôdo o Portugal se vão inaugurando para engrandecimento da nossa Pátria, para logradoiro e beneficiação do pôvo portuguez, que moureja dia e noite numa labuta incessante. O nosso pôvo trabalha honradamente, não faz vida parasitária como a fazem os emprezàrios das revoluções, os especuladores do operariado honesto, os *méneurs* de tôdas as grèves e desórdens. O nosso pôvo tem bôa formação, faz o sinal da cruz quando início os trabalhos de cada dia, suspende êsses trabalhos para rezar quando o sino da sua igreja toca as Ave-Marias, traz no coração a lei de Deus, o amôr à sua família e ao seu torrão. Brilha no seu peito ainda uma outra virtude: a gratidão!

Basta vêr como êle acorreu recentemente em Barcelos e em Braga, como êle acorre a tôdos os locais onde se encontrem os membros do Govêrno da Nação, ou os seus representantes. Basta vêr o entusiasmo e a alegria com que o nosso pôvo festeja o melhoramento da fonte, da estrada, da escola, do telefone, da luz eléctrica, do pôsto médico, do dispensário, dos trabalhos de irrigação e de fomento agrícola, de tôdos os benefícios, enfim, pequenos ou grandes, com que o Govêrno Nacional vai operando o milagre de transformação da nossa Pátria, decaída, pobre e desacreditada, mercê de construções jurídicas erradas, como eram as construções demo-liberais, dentro das quais, por maior que fôsse a bôa vontade dos homens, eram impossíveis as realisações sàdias.

Houve alguns defeitos nas pessôas, houve alguns actos de danos conscientes para a nossa Pátria, praticados pelos que detiveram o comando dos nossos destinos.

Mas houve, sôbretudo, o pêso môrto de um sistêma político que concebia a política como um fim e não apenas como um meio ou instrumento de progresso; um sistêma que lisongeava as paixões e os instintos, para encher as urnas no momento próprio; um sistêma que recrutava os homens do Govêrno no partido vencedôr —que era, no geral, o partido que tinha usado de mais audácia e de mais corrupção—em vez de os recrutar na falange dos mais competentes e dos mais honrados; um sistêma que tinha por alicerce as clientelas, cuja voracidade o Tesouro não podia fartar! Um sistêma assim, não podia atender os interêsses nacionais, porque tinha de atender, primeiro que tudo, o interêsse da sua própria conservação, o interêsse dos corrilhos que lhe serviam de sustentáculo.

A-pesar-da crença quási supersticiosa que tenho em Salazar, estou convencido que, a trabalhar dentro de um tal sistêma, nem êle próprio seria capaz de dar ao nosso Paiz as horas altas de progresso e de triunfo que hoje entram no nosso activo glorioso e constituem o assombro do mundo inteiro.

Manda a justiça debitar a maior parte dos êrros do passado, não aos homens cujas intenções eram bôas, mas à orgânica defeituosa que informou e conduziu a sociedade portuguesa durante mais de um século.

* * *

A V. Ex.ª nr. sGovernadôr Civil, como representante ilustre do Govêrno do Estado Novo, eu quero significar o testemunho das minhas homenagens, pelo rigôr e seriedade com que V. Ex.ª exprime e executa o pensamento do alto comando, as directrizes definidas por Salazar. Ainda há quatro ou cinco dias, em Arouca, eu tive o prazer de verificar como V. Ex.ª vai ganhando o coração do Pôvo.

Vi a grandeza da apoteose com que V. Ex.ª foi recebido e escutei, atento, as referências feitas à sua dignidade, por pessôas que são livres nas suas opiniões e juizos, por pessôas que não trazem hipotecadas as suas ideias e que sabem surpreender a excelência das almas, ainda que elas procurem, por modéstia, fazer o bem, no maior recolhimento.

Ouvi da bôca dessas pessôas referências à objectividade do comando de V. Ex.ª, onde nunca são vistos os homens, mas apenas os princípios e os altos interêsses da Causa, onde nunca existe a intenção de ferir, mas apenas o desejo de melhorar posições, de corrigir desvios, de fazer uma melhor integração de actividades e valôres.

Saúdo em V. Ex.ª essas qualidades pessoais de tanto relêvo e, na sua qualidade de Chefe do Distrito, saúdo tôdo o Govêrno Nacional, especialmente Salazar, cujo carinho pelos humildes se documenta com tal exuberância e tal detalhe, que depois da Campânha de Auxílio aos Pobres de Inverno, depois de falar dos pobres, depois da Fundação da Alegria no Trabalho, depois dos Bairros Económicos, depois do Seguro Contra a Invalidez, a doença e o chômage, depois da reforma na vèlhice, etc., etc., o nosso glorioso Chefe acaba de dotar o pôvo anonimo com um teatro popular, que se destina a ir, de aldeia em aldeia, oferecer gratuitamente um pedacinho de alegria e prazer novo ao humilde!

A mim, que vivo por fôrça do meu cargo entre a pobreza, comove-me êste carinho paternal com que o snr. Dr. Salazar vigia e cuida do interêsse dos pobresinhos. Ele o disse há pouco ainda: *A Revolução terá de continuar, enquanto houver um côrpo faminto de pão e uma alma faminta de justiça...*

Viva Sua Ex.ª o Snr. General Carmona!
Viva Salazar!
Viva Portugal!
Viva o Snr. Governador Civil!
Viva Oliveira do Bairro!

Correspondencias

Costa do Valado, 25

De passagem por esta localidade, deu-nos a honra da sua visita, no domingo, o sr. dr. Elias Gonçalves, muito digno secretário geral do govêrno civil, a quem agradecemos a deferência.

— Também aqui veio no mesmo dia fazer as suas despedidas com a família, visto voltar, de novo, para a India, o nosso conterrâneo, sr. capitão Manuel Rodrigues Ferreira.

Desejâmos-lhe feliz viagem, lamentando que tão curta tivesse sido a sua demora entre nós.

—Chegou a esta localidade a sr.ª D. Leontina Marques, filha do sr. Alfredo Marques, já falecido. Vem acompanhada de seu marido, o sr. Manuel de Almeida Miranda, maquinista dos caminhos de ferro na Africa Ocidental, que conta aqui passar alguns mêses de licença afim de restaurar a saúde abalada.

Os nossos cumprimentos.

— Deu à luz um menino a esposa do nosso amigo Alípio de Matos, acreditado comerciante.

Sinceros parabens.

—No largo Dr. António Emílio, iluminado a electricidade, festejou-se a véspera de S. João que decorreu muito animada, tendo-se dansado tôda a noite ao som dum *"Jazz"* improvisado por alguns componentes da tuna.

C.

Oliveirinha, 25

A feira do dia 21, a-pesar-do tempo chuvoso, meteu bastante gente, sendo importante em transacções de gado.

Alguns rapazes, depois dela, festejaram o Santo António, tendo para isso mandado vir a música de Eixo, que nos deliciou durante a tarde.

—Ontem festejou-se o S. João, mas friamente, a condizer com o tempo. Na véspera acenderam-se as tradicionais fogueiras, dansando-se em algumas ruas até tarde.

E mais não disse.

— A'manhã vem cá dar um espectáculo em benefício da nossa tuna o grupo *Os Inseparáveis*, de Ois da Ribeira.

— Chegou há dias do Brasil o nosso conterrâneo, sr. António Gonçalves Maio, acompanhado da esposa e filhos.

—Os batatais estão lindos agora, prevendo-se uma bôa colheita. Oxalá.

C.

Meis para exportação

=x=

Tendo o Pôsto Central de Fomento Apicola—Tapada da Ajuda—Lisboa, recebido pedidos da Inglaterra e da Bélgica de amostrasde *meis centrifugados de primeira qualidade*, nomeàdamente dos colhidos em flora definida (meis de laranjeira, de rosmaninho, da urze, etc.), previnem-me todos os produtores de meis nestas condições, extraídos com todos os preceitos da tècnica e da higiène, que desejem vêr as suas amostras apreciadas nos mercados externos, que deverão enviá-las, em quantidade não inferiôr a 1/2 quilo e acompanhadas de tôdas as indicações, quanto a preço, quantidades disponíveis, etc., para a séde dêste Pôsto—Tapada da Ajuda—Lisbôa.

Santos populares

Tanto o milagroso Santo António como o percursor S. João, não lograram despertar a mocidade para a folia, pelo que passaram quasi despercebidos entre nós os seus dias.

Mas o que lhe hade a gente fazer?

Pelas Finanças

—o—

Encontra-se nesta cidade a exercer as funções de secretário de Finanças o sr. João de Faria e Silva que veio preencher a vaga deixada pelo seu antecessor sr. Deocleciano Augusto Trigo.

O novo funcionário, a quem cumprimentâmos, veio transferido de Bragança onde desempenhou aquele cargo com proficiencia e rectidão.

Ministro da Marinha

=o=

Esteve na quinta-feira em Aveiro e no Centro de Aviação de S. Jacinto, o sr. comandante Ortins Bettencuort, titular da pasta da Marinha.

Retirou no mesmo dia para Lisboa.

Necrologia

Quando redigimos para o último número do *Democrata* a notícia da doença do sr. João Carlos Moreira da Silva, farmacêutico estabelecido em Mira, já êle tinha exalado o último suspiro.

E' mais um amigo que perdemos, dos velhos e sinceros.

Estudou no liceu de Aveiro, praticou na farmácia de que era proprietário e director técnico o nosso progenitor e aqui adquiriu as máximas simpatias entre a gente da época. Depois retirou para a sua terra, estabeleceu-se e por lá ficou. Constituiu família. Mas nunca se esqueceu de Aveiro nem daquêles que com êle privaram de perto.

Desempenhou João Carlos Moreira da Silva alguns cargos públicos e também o de secretário da extinta administração do concelho. E como era um carácter, tanto nessa qualidade como na de profissional e de chefe de família, vincou a sua personalidade por fórma a deixar um nome que há-de ser lembrado por muito tempo.

Lamentando intimamente o triste desenlace, aqui expressâmos às filhas e genros do extinto, os srs. dr. Cipriano Pinhal Palhavã, médico na Figueira da Foz, e Fernando Furtado, escrivão das execuções fiscais em Coimbra, as nossas sentidas condolências.

* * *

Ao cabo de prolongado o doloroso sofrimento finou-se na tir, terça-feira, a sr.ª D. Selda Salgado de Oliveira Mendes Martins, professora oficial nas escola infantil da Glória e esposa do sr. dr. Arménio Martins, advogado na comarca, de quem deixa duas creanças de pouca idade que eram tôdo o seu enlêvo.

Desaparece em plena juventude—28 anos—e depois de se terem empregado tôdos os recursos da ciência para lhe debelar o mal que agora a fez tombar no túmulo.

O funeral da inditosa senhora, que era filha do falecido Carlos Mendes, de saüdosa memória, e irmã da sr.ª D. Branca Mendes, empregada nos correios, efectuou-se quarta-feira de tarde para a igreja da Misericórdia, de onde o seu cadáver foi transladado para Angeja a-fim-de ser sepultado em jazigo. Incorporaram-se no fúnebre cortejo as creanças das escolas, professores, magistrados judiciais e muitas outras pessôas das relações da família dorida, a quem dirigimos o nosso cartão de pésames.

* * *

Também deixou de existir na quarta-feita a sr.ª D. Maria José Ferreira de Macêdo, que ùltimamente não saía de casa devido aos seus padecimentos cardíacos.

Viuva há quatro mezes do honrado industrial e dedicado republicano que em vida se chamou Manuel Barreiros de Macêdo, a extinta possuía predicados que a impunham à estima e consideração das pessôas com quem conviveu de perto.

Natural da próxima freguesia de Cacia para esta cidade veio muito nova, sucumbindo agora com 69 anos.

Deixa um filho, o sr. João Ferreira de Macêdo e outros parentes, que, com mágua vêm desaparecer a virtuosa senhora, que ante-ontem ficou no jazigo de família no cemitério novo, constituindo o seu funeral civil uma verdadeira manifestação de pesar. Tomaram parte nele os Bombeiros Voluntarios, que transportaram o corpo num dos seus autos, e algumas tricanas, conduzindo *bouquets* de flores naturais, pertencentes ao *Grupo Cenico do Club dos Galitos*, em cuja direcção João Macedo se encontra e a quem manifestâmos, bem como á restante família, as nossas condolências.

* * *

A' 8 horas da manhã de quinta-feira igualmente se desprendeu da vida depois de cruciante sofrimento, a sr.ª D. Maria das Dôres Freire, esposa dedicada do nosso presado amigo sr. José Moreira Freire, que foi estabelecido muitos anos em Luanda (Africa Ocidental) e com quem viveu naquela província ultramarina.

Oriunda duma família respeitável, pois era irmã do nosso saüdoso e querido amigo Francisco Vieira da Costa, desaparece a sr.ª D. Maria das Dôres Freire aos 64 anos de idade, sem descendência, e deixando mergulhada em profunda dôr seu marido que por ela era estremoso, tratando-a carinhosamente como o mais desvelado dos enfermeiros e assistindo-lhe aos últimos momentos com a mais estóica das resignações.

O cadáver da bondosa senhora ficou ontem sepultado no cemitério central aonde o acompanharam numerosas pessoas e um piquete de Bombeiros Voluntários de grande uniforme.

Na hora amarga por que acaba de passar abraçâmos comovidamente o sr. José Moreira Freire, tomando parte no seu pesado luto.

Secção desportiva

Foot-Ball

Beira-Mar, 2—Sanjoanense, 2

O *Sanjoanense* entra em campo e é regularmente aplaudido. Passados instantes, aparece o *Beira-Mar*, que ouve uma grande salva de palmas.

Uns *shoots* para assentar o pé, e os grupos, sob a arbitragem de Gabriel Fernandes, alinham assim: *Beira-Mar:* Ferreira; Justiça e Amadeu; Nicolau, Eduardo e Laranjeira; Pinho, Maximiano, Décio, Ruela e Estima.

Associação Desportiva Sanjoanense: Tomaz; Verdial e João; Paulo, Piro e Rogério; Paniquim, Alberto, Augusto, Micha e Ferreirinha.

Saem os aveirenses, que jogam contra vento, mas a bola vai fóra após dois ou três passes. Posta em jôgo, os visitantes conduzem-na mas sem resultado, porque o esférico é interceptado pelo *Beira-Mar*, que deita para fóra também.

Ruela faz-se punir por carga a um adversário e é José Ferreira quem executa a primeira defêza do encontro.

Inesperàdamente, surge o primeiro *goal* do desafio. Numa avançada em forma, Ferreirinha, extremo direito sanjoanense, marca à bôca das rêdes um bom tento para o seu grupo.

O *Beira-Mar* mostra-se surpreendido mas reage imediàtamente. Maximiano e depois José de Pinho avançam mas a defêza contrária intervem com rapidez e afasta o perigo. Hà um *free* contra o *Sanjoanense* que, apontado de longe, é defendido com um encaixe, por Tomaz.

O *Beira-Mar* procura o *goal* mas a defeza adversária está segura.

Num *raid* sanjoanense, Justiça falha mas o perigo é afastado por outro jogador. Cabe a vez a Ferreira de saír, para apanhar uma bola morta. Os alvi-negros insistem pelas pontas, principalmente pela esquerda. E como os locais preferem o jôgo pela direita, a bola raro vem ao corredor da esquerda, onde José de Pinho se limita a ver jogar.

A bola está constantemente fóra do rectângulo e o jôgo, assim, não tem beleza. O público não está a gostar do desafio...

Paniquim avança e, de longe, alveja as rêdes de Ferreira com um pontapé fraco, fàcilmente defendido.

Ruela, que está enérgico, conduz, mas a defêza intercepta embora com dificuldade. Na réplica, o ponta esquerda de S. João da Madeira isola-se e despede um centro, quási sôbre a linha de cabeceira, que gera certa confusão em frente das redes aveirenses.

Maximiano dispende grande actividade, mas esquece-se freqüente e inexplicàvelmente do seu extremo.

Num *corner* contra o *Beira-Mar*, um defeza desvia de cabeça a bola e, portanto, o perigo. Maximiano, de pósse da bola, corre pelo centro, abre à esquerda mas Tomaz defende. O *Beira-Mar* domina regularmente, para o que redobra de entusiasmo, mas a defeza contrária está a jogar muito bem, coadjuvada pelos médios.

Cabe a vez a Décio de abrir à esquerda, mas o *keeper* sai a apanhar a bola, não dando tempo a que Pinho coloque o seu fulgurante pontapé...

O porteiro de S. João não deixa cruzar o jôgo e abandona as balisas em certa freqüência, evitando assim remates perigosos. O jôgo torna-se duro sem ser violento. Marca-se agora um *off-side* contra Ferreirinha, justo.

Da direita, os aveirenses procuram fazer abertura à esquerda, mas sem resultado. O trio defensivo antecipa-se sempre...

Paniquim corre ao longo da linha lateral, dribla dois adversários, mas a defeza do *Beira-Mar* não lhe dá tréguas e a bola sai pela linha de cabeceira, longe das redes.

Os dianteiros aveirenses proporcionam-nos agora uma fase cheia de vivacidade. Estima prepara, passa a Maximiano, êste a Pinho, que se desmarcara, mas o remate, a poucos metros das balisas, vai para as nuvens... Uma ocasião perdida.

Por falta hipotética do *Beira-Mar*, é contra êste marcado um livre. A bola vai à frente das redes, estabelece-se confusão. Por fim, é repelida frouxamente, o que dá lugar a uma recarga fulminante de Alberto e ao segundo *goal* dos visitantes.

Daí a pouco, numa avançada dos aveirenses, o árbitro vê falta na grande área sanjoanense, provocada pelos visitantes, e manda marcar *penalty*. Décio aponta à esquerda e sem dificuldade enfia a primeira bola para o seu club.

Começada a segunda parte, o guarda-rêdes sanjoanense é o primeiro a entrar em acção. Mas, na resposta, o aveirense segura bem. José de Pinho avança, porém o remate vai fóra. Uma excelente abertura ao extremo esquerdo visitante é por êste desperdiçada, após indicisão.

O *Beira-Mar*, por seu turno, perde uma ocasião excelente de apontar em virtude de dois jogadores seus se enovelarem. O jôgo faz-se agora com mais clareza e rapidez. As *èquipes* dão-se bem a réplica. A avançada responde-se com avançada.

Um centro rápido da esquerda sanjoanense passa diante das redes locais sem que ninguém toque na bola.

Eduardo marca de longe uma penalidade mas Tomaz, com segurança. encaixa.

Estima interna-se, o *half* contrário intervém e provoca *corner*. Marcado, a defeza salva. Estima avança de novo e centra. Décio apanha, prepara e despede o tiro. O *keeper* de S. João defende, embora com dificuldade. O *Beira-Mar* vai começando a apertar o cêrco, atacando com ímpeto. Dois remates, um dos quais de Pinho, vão fóra. Eduardo, com uma recarga que Tomaz apanha de mergulho, finaliza uma grande série de insistências dos seus diateiros.

Regista-se uma fuga perigosa de Ferreirinha, sem conseqüências.

Finalmente, próximo das rêdes, Estima empata o desafio. Tinham-se jogado trinta minutos desta segunda parte. O público entusiasma-se e acalenta esperanças.

Vinte e um homens aglomeram-se em frente das rêdes sanjoanenses, o *Beira-Mar* está todo no assédio. Mas o desempate, apesar de todos os esforços, não surge. Os visitantes, procurando manter o precioso resultado, porfiam em atirar a bola para fóra do rectangulo. Nem mesmo um *goal* que parecia certo, surgiu. Paulo, batido o seu *keeper*, defendeu admirávelmente um pontapé digno de melhor sorte.

Tecnicamente, a partida pouco valeu. O vento prejudicou imenso o jôgo. As bolas fóra, no decorrer de tôda a primeira parte e nos últimos 15 minutos da partida, foram numerosíssimas. Parece que se estabeleceu um verdadeiro *rècord*. Os «balões», ja tão fóra de moda, fizeram igualmente a sua aparição.

Os primeiros trinta minutos da segunda parte foram, incontestàvelmente, os melhores.

O *Beira-Mar* fez um mau jôgo. Mas tal percalço acontece a tôdas as *èquipes*. Mesmo assim, merecia ganhar por boa margem de *goals*.

Y.

Êste número foi visado pela Censura

A fechar

—Então com quê, a tua irmã apanhou uns bons centos de contos na lotaria de Santo Antonio? Naturalmente deu-te alguma coisa...
—Pois deu. Deu-me logo um cunhado.

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 28 do corrente mês de Junho, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na acção sumaria comercial que Joaquim Henriques Tavares de Oliveira, solteiro, proprietário, de Requeixo, move contra a executada Maria Rosa Simões dos Reis, viúva, proprietária, da Taipa, se há-de proceder à arrematação em haste pública, a-fim-de serem entregues a quem mais lanço oferecer acima da sua avaliação, dos seguintes prédios:

Uma casa de habitação e aido, sita no logar da Taipa, freguezia de Requeixo, avaliada na quantia de 5.000$00;

Um terreno lavradio e alagado, sito no Amieiro, limite de Requeixo, avaliado na quantia de 500$00.

Pelo presente são citados quaisquer crédores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 12 de Junho de 1936

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara
João Antonio de Morais Sarmento

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

No dia 5 de Julho próximo, por 12 horas e à porta do Tribunal Judicial desta comarca de Aveiro, na execução por custas e selos em que é exequente o Ministério Público e executados Amadeu Rito e mulher Ana Ferreira, agricultores, da Ponte de Vagos, por apenso a acção sumaríssima que lhes moveu Maria da Luz Maia Pacheco, de Aveiro, vai pela terceira vez à praça e por qualquer valor, o prédio seguinte:—Umas casas e quintal sita na Ponte de Vagos, freguesia de Calvão.

Para a praça são citados quaisquer crédores, a fim de deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 18 de Junho de 1936.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Melo Freitas
Escrivão
João António de Morais Sarmento